

RESUMOS

A China e o Cristianismo.**Revisitando a doutrina jesuítica da acomodação e a questão dos ritos chineses (sécs. XVII–XVIII)**

Este texto parte de um estudo de caso, o da missão do jesuíta Rodrigo de Figueiredo na região de Ningbo, na primeira metade do século XVII, para lançar um olhar sobre as estratégias jesuíticas para a evangelização da China. Desta forma, pretende-se avaliar a eventual compatibilização do cristianismo com o sistema cultural e filosófico do confucionismo. A este nível são abordadas questões como a cosmologia e cosmogonia chinesas, as ideias de transcendência, Criação e do problema do Mal. Face a estas questões, pretende-se compreender a estruturação de um método missionário jesuítico assente na aculturação, ou seja, na capacidade de compatibilizar a mensagem evangélica com a cultura e mundividência chinesas.

Aborda-se ainda a questão dos ritos chineses, quer do ponto de vista do olhar europeu sobre a cultura confuciana, quer integrando-a nas lutas teológicas e culturais que decorriam então na Europa, e que foram determinantes para o eclodir da crise. [Autor: António Vitor Ribeiro, pp. 6–31]

A Cidade mais Leal: Domínio Competitivo Católico Romano e Tolerância Antagónica aos Locais Religiosos Indígenas Chineses em Macau (ca. 1550–1850)

A ocupação colonial portuguesa e o assentamento a partir do século XVI

em diante incluíram uma significativa dimensão de disseminação religiosa: um dos exemplos principais é a imposição de formas sagradas católicas romanas ibéricas em vários locais na península de Macau, China. Através da ocupação precoce e da actividade comercial sustentada com os povos locais, as regiões portuguesas colonizadas em Macau experimentaram uma afirmação agressiva do domínio religioso católico. Em Macau, comandantes militares portugueses, governadores coloniais e ordens missionárias estabeleceram igrejas, capelas e santuários católicos romanos — com os seus costumes religiosos ibéricos associados — com vista para locais ocupados por templos e santuários indígenas chineses ou locais budistas. Este artigo analisa a evidência física existente do domínio competitivo católico romano de locais religiosos chineses seleccionados em Macau durante o período de expansão marítima portuguesa para a Ásia Oriental. Segue-se o quadro de “Tolerância Antagónica” inicialmente concebida pelo antropólogo Doutor Robert Hayden (Universidade de Pittsburgh) com o objectivo de explorar os motivos e métodos portugueses para o estabelecimento cooperativo de “novos” espaços sagrados, bem como as implicações a longo prazo do sincretismo das práticas religiosas indígenas e católicas romanas nesses locais. Para além da investigação de fontes primárias e secundárias realizada em Portugal

e em espaços portugueses anteriormente colonizados, este artigo baseia-se em dados e imagens comparativos recolhidos durante a realização de trabalhos de campo em Macau durante 2019 e 2020.

[Autores: Timothy D. Walker, Mark Chih-Wei Liang, pp. 32–51]

O Século Baptista de Macau

Muito tem sido escrito sobre os primeiros jesuítas que fizeram de Macau uma base para a difusão do catolicismo na China e além, mas pouca atenção é dada às trajetórias do cristianismo protestante na colónia. Este artigo avalia as descobertas empíricas e percepções analíticas do último livro de R. Lawrence Ballew, intitulado *Like a Tree Planted by Streams of Water: The Baptist Church Takes Root in Macao (John and Lilian Galloway 1904–1968)* (Macao: Universidade de São José, 2019), que apresenta a origem, o desenvolvimento e o legado da evangelização Baptista Americana do Sul em Macau no século XX. Ballew baseia-se nas cartas e relatórios dos missionários John e Lilian Galloway para traçar a sua vocação pessoal para o trabalho missionário no exterior e para historicizar os seus esforços consistentes para o avanço dos ministérios evangélicos, pastorais e educacionais. Um dos seus legados é a forte infra-estrutura baptista criada e integrada à paisagem social e cultural local.

[Autor: Joseph Tse-Hei Lee, pp. 52–59]

O Identitário Ambivalente: Metamorfoses Macaenses em Tempos de Mudança

Este artigo examina dois tópicos diferentes relacionados com o conceito de ambivalência e com a sua experiência fenomenológica aplicados ao estudo de caso da comunidade euro-asiática macaense. A primeira parte do artigo aborda, do ponto de vista etnográfico, as práticas de comensalidade de um grupo de amigos íntimos e o conjunto de dinâmicas intersubjectivas de identificação e diferenciação por eles desenvolvidas por ocasião de um jantar de boas-vindas. Durante este evento, a condição ambivalente da identidade dos actores sociais envolvidos na acção tornou-se especialmente evidente, apresentando-se como uma estratégia improvisada e positiva na tentativa de adaptação às circunstâncias externas e mutáveis que vão surgindo ao longo da refeição. A segunda parte do artigo revê a narrativa histórica de Macau enquanto ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente, que estará na origem da comunidade macaense e caracteriza a sua permanente redefinição identitária, trazendo assim à discussão as dimensões políticas e culturais do projecto de construção e implementação de uma identidade para a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) da República Popular da China, hoje com vinte anos de existência. Neste caso, existe uma ambivalência implícita no processo de negociação sino-português sobre a aplicação da lei da nacionali-

dade da República Popular da China aos residentes nascidos em Macau, em particular aos macaenses etnicamente mestiços, no contexto da transferência da soberania de Macau para a China.

[Autora: Marisa C. Gaspar, pp. 60–81]

Herança Macaense de Nagasaki

Nos primeiros dez anos da presença portuguesa em Macau, homens portugueses casaram com mulheres cristãs de Malaca e Nagasaki. Estas mulheres traziam hábitos e costumes destas duas cidades. Testemunhos da época descrevem as roupas das esposas japonesas que vestiam sarong e cabaia em público que trocavam por quimonos quando em casa. Estas e outras tradições culturais permearam a cultura macaense em geral e a cozinha macaense em particular com pratos que reflectiam influência japonesa nos nomes e sabores há muito esquecida.

[Autor: Manuel Fernandes Rodrigues, pp. 82–91]

Macau, Anos de Guerra — Uma Breve Síntese

Desde o início da Segunda Guerra Sino-Japonesa até ao fim da Segunda Guerra Mundial (1937–1945), Macau manteve-se neutral. Essa neutralidade não impediu que algumas das terríveis decorrências dessas guerras se fizessem sentir profundamente em todo o Território. De toda uma série longa de efeitos, destacam-se como mais dramáticos as imigrações em massa de refugiados de guerra e os esforços

feitos para alimentar e abrigar um tão grande e repentino surto de pessoas.

Na imensa luta travada para alcançar tais objectivos toda a *Cidade do Santo Nome de Deus* se empenhou, desde o Governo até ao anónimo cidadão, passando por instituições, agentes económicos e personalidades com fortuna e poder. Tudo isso num contexto de grande adversidade, posto que a colónia portuguesa permaneceu a maior parte do tempo cercada por forças japonesas. Com paciência, com habilidade, com diplomacia e com capacidades inventivas para engendrar meios de pagamento lá se foram vencendo dificuldades e ultrapassando obstáculos.

Os resultados dessa luta, tendo em conta as muito difíceis condições em que a mesma se desenhou, não podem deixar de a consagrar como um registo épico, primeiramente da História de Macau e em segundo lugar da História de Portugal.

[Autor: Fernando Fava, pp. 92–104]

Jaime do Inso no Orientalismo Português

Jaime Correia do Inso (1880–1967), oficial da armada e escritor, revelou-se um apaixonado por Macau e pela China, tendo-lhes dedicado parte importante da sua actividade literária. Isto sem descurar que também realizou importantes estudos históricos relativos à marinha portuguesa e, episodicamente, sobre alguns assuntos acerca de Timor, África e Brasil, esparsos em várias revistas e jornais.

Mas o cerne deste artigo é a questão de saber se Jaime do Inso é ou não correctamente qualificado como orientalista, com lugar entre os orientalistas portugueses, sendo para isso necessário determinar o que deve entender-se por Orientalismo e, especificamente, por Orientalismo português, recorrendo a vários estudiosos como Edward Said, Everton Machado e Isabel Pires de Lima. Apresenta-se, depois, uma síntese da vida e obra intelectual de Jaime do Inso, afirmando-se que ele se revela como um homem do seu tempo, comprometido com as linhas fundamentais da política colonial portuguesa da primeira metade do século XX.

Por fim identificam-se os principais sinais de Orientalismo em *O Caminho do Oriente*, uma obra que embora revestindo a característica de romance com singelo enredo, não deixa de ser um misto de crónica, no qual se descreve uma viagem marítima de Lisboa a Macau e algumas cenas da vida em Macau e Hong Kong.

Conclui-se que Jaime do Inso é realmente um Orientalista porque *O Caminho do Oriente* está cheio de indícios, constantes de excertos que se transcrevem ao longo do artigo, demonstrativos de estereótipos e de convicções reveladoras de manifesto eurocentrismo presente no Orientalismo Português.

[Autores: Lurdes Escalera, Jorge Baptista Bruxo, pp. 105–123]

Portugueses no Pacífico (Século XVI)

No século XVI o Pacífico ficou marcado pelo aparecimento e acção dos portugueses que aí passaram a intervir nos domínios mercantil, cultural e religioso, concorrendo com os muçulmanos que antes monopolizavam esse tráfico comercial, o proselitismo religioso e a influência cultural. As viagens oficiais dos portugueses no Pacífico começaram em 1508, com o envio da primeira expedição a Malaca, tendo os portugueses percorrido as costas maríti-

mas de, praticamente, todos os territórios orientais banhados por esse oceano. Afloram-se alguns aspectos históricos da presença dos portugueses em Malaca e na adjacente ilha de Samatra. E também a sua presença em Timor e nas ilhas Molucas em busca de produtos exóticos, como o sândalo e o âmbar, ou de especiarias raras como o cravo, a maçã e a noz-moscada.

Centralidade adquire neste artigo a parte relacionada com a viagem de circum-navegação idealizada e em grande parte comandada por Fernão de Magalhães, português que ao serviço da Coroa Espanhola realizou esse feito, descobrindo uma nova rota marítima, trazendo para a órbita espanhola as Filipinas e aduzindo argumentos favoráveis a Madrid naquilo que ficou conhecido como “questão das Molucas”. Desta histórica viagem estão ora a ser celebradas Comemorações do respectivo Quinto Centenário promovidas pelos dois Estados Ibéricos.

[Autores: Jorge Baptista Bruxo, Leonor Diaz de Seabra, Lurdes Escalera, pp. 124–138]

